



9ª Sessão

19 de junho de 2002

sinopse por Andréa Naccache

O mais recente filme de Almodóvar, *Hable Con Ella*, é um desafio aos costumes. Forbes relata que, entre outras tramas, o filme traz a história de um enfermeiro (provavelmente bissexual) que mantém relações, no hospital, com uma paciente, sob sua guarda, em estado de coma, e ela engravida. Preso por isso, ele guarda expectativas quanto ao nascimento do filho. Ao receber a notícia de que a criança não sobrevive, suicida-se, deixando uma carta de amor à paciente, sem saber que ela havia saído do coma.

Almodóvar leva ao público a sensação de que tudo isso é normal. Na sociedade globalizada, destituída dos parâmetros verticais que em alguma medida estruturavam comportamentos, gozos e emoções, Forbes evidencia a dificuldade de julgar, de sustentar valores (foi a questão que trabalhou com Tercio Sampaio Ferraz Junior na sessão de 8 de maio de 2002).

A alusão ao filme de Almodóvar foi incitada por uma pergunta feita a Forbes: o que a psicanálise tem a dizer sobre a ética neste tempo? Desde o Seminário VII (de 1959), responde ele, Lacan já separava *ética* de *moral*. A *moral* é a forma de estabelecimento dos costumes – que filmes como o de Almodóvar põem em questão. Só no campo da moral cabe a indagação do que seja o anormal. A *ética* na psicanálise tem outra orientação: envolve saber se concebemos o mundo completo ou incompleto. Se adotamos a incompletude, a ética psicanalítica diz respeito à responsabilidade pelo desejo.

Recentemente Forbes criticou a revista Time por alardear a medicalização da ansiedade (cada edição da Time é lida por aproximadamente 100 milhões de pessoas). Nesta semana, chama a atenção à mesma revista de modo mais auspicioso, pelo destaque de capa dado ao lançamento, sexta-feira, (21/6) nos EUA, do novo filme de Spielberg, *Minority Report: A nova lei* – filme que reflete uma postura crítica de seu diretor.

A ação de *Minority Report* dá-se em 2054, quando uma unidade federal de combate ao crime faz uso de três sábios extrasensoriais, chamados extracognitivos (em inglês, *pre-cogs*) para antever assassinatos. A atuação dessa polícia é preventiva: prende-se pessoas pela intenção (o que faz lembrar a catequese católica do pecado – peca-se por “pensamentos, palavras e obras” – com a diferença de que, no filme, não basta o ato de contrição no arrependimento: pensar o crime dá base à condenação penal). Ao tratar o tema, Spielberg pousa um olhar crítico sobre o projeto de conhecimento cada vez maior das reações cerebrais do homem, ao mostrar as conseqüências do ideal de controle do que se pensa e deseja.

Em entrevista sobre o filme ao *New York Times*, no dia anterior (18/6), Spielberg foi indagado: “quanto de liberdade você está disposto a ceder para evitar um novo 11 de setembro?” O diretor declarou: “fiz um filme sobre isso”. Essa postura remete à frase de Miguel Reale Jr. já muitas vezes comentada por Forbes: “o preço da liberdade não é a eterna vigilância, é o eterno delito”.

A postura de Spielberg dá alento ao otimismo que Forbes havia expressado em entrevista à *Isto É* sobre os *reality shows*. A revista convidou-o a assistir aos programas e perguntou se o sucesso dessa modalidade de entretenimento o afligia. Sua resposta foi negativa: "é um momento de passagem. Em algum ponto as pessoas sairão da imagem e teremos um renascimento cultural".

Assim com Spielberg que, uma vez mais após *A lista de Schindler*, afasta-se de um ciclo de filmes de entretenimento - em seu foto-realismo habitual - e investe no renascimento do filme *noir*, de um expressionismo abstrato.

Encerrando a primeira parte da sessão, Forbes introduz o texto *O discurso não-todo pragmático* (de autoria de Andréa Naccache): falar do discurso da psicanálise como *não-todo pragmático* é dar uma resposta ao filósofo Richard Rorty, quando o *não-todo* tem a marca da poesia. Forbes esclarece que o texto visa a mostrar como a poesia permite ancorar a produção de sentido da retórica (pragmática), do discurso corrente. A poesia não é abstração - esclarece Forbes - é concreção da palavra no corpo [segue-se uma apresentação, pela autora, da primeira parte do texto, sobre a tópica e a retórica].

Para introduzir um segundo momento à sessão, Forbes lembra que o tema é o silêncio. De início, apresenta o livro *A arte de se calar*, escrito pelo Abade Dinouart em 1771 (Ed. Millon, 2002), mas anuncia que a exposição do tema não será silenciosa: ele recebe para uma entrevista Frederick Talaa, um dos mais conhecidos produtores de música eletrônica do mundo, que fará uma demonstração da sua música e comentará a importância nela do *break*, do silêncio. Afinal, com Abbé Dinouart: "se calar fosse ficar de boca fechada, o calar humano seria igual ao do animal".

Forbes aponta para o que a psicanálise encontra no calar: o silêncio das pulsões. A questão é como captar essas pulsões silenciosas, e isso é feito no corpo. Então, para epígrafe da sessão, ele reserva uma referência do prólogo do livro de Dinouart: "a arte de se calar não é um tratado nem de recolhimento, nem de êxtase - não visa a fazer silêncio diante de Deus. A arte de se calar tem uma função prática. Ela é, sobretudo, uma arte de fazer alguma coisa ao outro pelo silêncio".

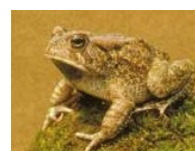
Segue: Tom Jobim tirou do samba um dos pulsos e introduziu o silêncio na criação da bossa nova. A música começa a tocar o corpo no momento em que Moreira da Silva faz o Samba de Breque com a introdução do silêncio, ou no momento do jazz em que uma frase encontra ritmo em si mesma e faz chorar, faz dançar. A música atual, eletrônica, transmite o silêncio - antes de tudo o do diálogo, porque ela é monólogo - ao funcionar por pulsações silenciosas.

Frederick Talaa está de passagem por São Paulo e é entrevistado nessa sessão. Com a entrevista, Forbes dá seqüência a uma pesquisa, iniciada há três anos, sobre as saídas encontradas pela nova geração para lidar com o desbussolamento causado pela globalização (na época, Forbes organizou um evento na Faculdade de Educação da USP chamado "Adolescência Rave" e publicou um texto, "Geração Mutante", na Revista *Superinteressante* da editora Abril).

Se, por um lado, são sintomas da globalização a toxicomania, as anorexias e bulimias, a violência dita despropositada, Forbes reconhece, por outro lado, duas boas saídas encontradas pelos jovens ao desespero da falta de referências: os esportes radicais e a música eletrônica. Então propõe: "os analistas devem se perguntar qual a possibilidade de trazer para o consultório o cerne do que está na música eletrônica e nos esportes radicais".

Afinal, se é impossível o conhecimento até a última instância, somos fadados ao monólogo. Mas há diferença entre falar sozinho e estar isolado e falar sozinho e estar coordenado, combinado, junto com outros... e a música eletrônica é justamente um modo de articular monólogos, diz ele.

Frederick Talaa é francês e atualmente mora em Barcelona. Começou a produzir música eletrônica há três anos, embora ela já fosse conhecida na França há treze. Dedicou-se à música, à informática e à técnica de som e disso fez nascer um projeto chamado *neuro-motor*, de sucesso explosivo. Atualmente se apresenta em diversos países - Japão, Brasil,



Canadá, Israel, Europa, EUA – o que lhe exige viagens semanais (passa um ou dois dias em cada lugar). Forbes contou a ele seus desenvolvimentos e pede que comente.

Aos 29 anos, Frederick julga-se no elo entre a geração de 50 anos de idade e as pessoas de 20. De educação judaico-cristã, ele reconhece em sua música um modo de pôr em questão os valores e a cultura nos quais foi criado (o que não o impediu de pedir a mão de sua esposa ao avô, ao pai e à mãe dela). A música eletrônica, para ele, mostra um ponto de convergência dos discursos das diversas gerações na expressão da vontade de buscar um prazer incondicional.

Para Frederick essa música corresponde a “desejos verdadeiramente primários”. Sustenta que, apesar de nossa aparência civilizada, socialmente integrada, temos sempre necessidade de reencontrar as sensações primárias. Forbes traduz: “apesar de tudo que o Outro possa captar, e possa na sua cadeia nos representar, (...) o ser humano continua com essa necessidade *original*”.

Se a música eletrônica é indissociável da cultura, de nossa história, Frederick não concorda, no entanto, que se diga desse movimento simplesmente algo como “teve origem em 1960, após a reconstrução dos países da Segunda Guerra Mundial”. Essa música, a seu ver, vem do “saco-cheio” que as diversas gerações vieram acumulando no decorrer dos anos.

Sobre o silêncio, esclarece (tradução simultânea de Forbes): “essa música pode parecer caótica, confusa, mas ela tem uma ordem, momentos de calma, e, sobretudo, momentos fundamentais de silêncio a serem respeitados”. Tecnicamente, ele explica que na música eletrônica – e precisamente no gênero que produz, o *Trance* – algo de primeira importância é o silêncio. É uma música baseada na *pulsção* e, trabalhando em alto volume por aproximadamente oito minutos (toca-se em média com seis quilos de densidade sonora mínima nas caixas de som), é preciso muito cuidado em como trazer o break (Forbes sugere que os analistas pensem em como fazer o corte). Diz Frederick: “quando se tira isso (a pulsção da música em alto volume), é como se seu coração tivesse parado de bater: você se depara com um enorme vazio”; “nesse momento, se o break for muito, muito bem conduzido, inicia o gozo”. Uma vez estabelecido o silêncio – segue ele – é fundamental relançar, “porque no silêncio não há pulsção e essa música é baseada na pulsção”.

Frederick conta ter por hábito compor só sob emoção. A música que usa na demonstração teve sua produção iniciada num tempo de briga com sua esposa. Por isso, há nela uma primeira parte escura, sombria, violenta. Nos dias subseqüentes, sua relação com a esposa melhorara. Quando seguiu a produção, estava contente e introduziu uma melodia. No fim de semana, terminou uma apresentação em Portugal com a música (que ganhou o nome de *The Bloody Sword*, a “espada sangrenta”, numa representação cavaleiresca - inspirada em *Escalibur* - da sua história com a esposa) e relata: “para as pessoas que são adeptas dessa música eu toquei em alto volume e, quando chegou a melodia, as pessoas começaram a chorar”. Constata: “a reação do público é sempre muito receptiva ao que eu quero exprimir” – Forbes interpreta: “... porque está baseado no desejo do músico”. *[há demonstração da música The Bloody Sword]*.

Em resposta a uma última pergunta de Forbes, Frederick explica que a música eletrônica não é feita para sentar e escutar como o clássico ou o jazz; ao contrário, importa que o público seja tomado, de início, pelas pernas, porque a intenção é fazer dançar: “o objetivo é fazer as pessoas viajarem, enchê-las de alguma coisa... com a música despojá-las de todos os complexos e as frustrações, e fazer com que não existam mais desníveis e diferenças sociais, culturais”. Em lugar, Frederick busca um: “todos juntos compartilhando o mesmo amor pela música, pela dança” e conclui: “se não conseguimos isso, algo deu errado e é preciso recomeçar”.

